

ANTICONCEPCIONAIS E INFERTILIDADE: AVALIAÇÃO DA RELAÇÃO COM USO PROLONGADO

Júlia Rodrigues Cortat Marques¹; Vivian Garnica Chiaini Villar²; Letícia Simoa Marchi do Carmo³; Yasmin Natal da Fonseca⁴; Sophia Moraes Manacorda⁵; Sara Kutter Oliveira⁶.

juliarodriguescm@gmail.com

Área Temática: Saúde Pública

RESUMO

Introdução: A infertilidade feminina é um tema de grande relevância em saúde reprodutiva, permeado por fatores biológicos, sociais e psicológicos, sendo frequentemente associada, de forma equivocada, ao uso prolongado de anticoncepcionais, o que contribui para insegurança e interrupção inadequada desses métodos. **Objetivo:** Avaliar, com base na literatura científica, se o uso prolongado de anticoncepcionais está associado ao desenvolvimento de infertilidade em mulheres, comparando as que utilizam e as que não utilizam desses métodos, assim como examinar o tempo de retorno da fertilidade após a suspensão desses métodos. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão narrativa de literatura, realizada por meio de busca ativa na base de dados PubMed, utilizando os descritores “contraceptive AND infertility”, com aplicação de filtros para artigos de revisão publicados nos últimos cinco anos, além da inclusão de estudos relevantes fora desse recorte temporal. Foram selecionados artigos com acesso gratuito e maior pertinência temática, após triagem dos resultados encontrados. **Resultados e Discussão:** Os estudos analisados indicaram que mais de 80% das mulheres retomam a fertilidade em até 12 meses após a interrupção do método contraceptivo, independentemente do tipo utilizado, incluindo anticoncepcionais hormonais, dispositivos intrauterinos e implantes. Não foi observada associação significativa entre tempo de uso prolongado e infertilidade permanente, embora alguns trabalhos apontem atraso transitório no retorno da ovulação, especialmente relacionado a formulações hormonais antigas ou de maior dosagem. Fatores individuais, como idade, hábitos de vida, condições clínicas e características reprodutivas prévias, demonstraram maior influência sobre o tempo para concepção. **Conclusão:** Conclui-se que o uso prolongado de anticoncepcionais não constitui fator causal para infertilidade definitiva, sendo eventuais atrasos na concepção temporários e multifatoriais, reforçando a necessidade de educação em saúde baseada em evidências para reduzir mitos e promover escolhas reprodutivas seguras. **Palavras-chave:** Anticoncepcionais; Infertilidade; Uso prolongado.

1 INTRODUÇÃO

A infertilidade feminina ocupa posição central no debate sobre saúde sexual e reprodutiva, por envolver não apenas aspectos biológicos, mas também implicações sociais, culturais e psicológicas que impactam diretamente a qualidade de vida das mulheres. Diferentemente de outras condições clínicas, sua caracterização está associada à ausência de concepção ao longo do tempo, o que contribui para estigmatização e sofrimento emocional, especialmente em contextos socioculturais específicos (COX et al., 2022).

Muitas mulheres, contudo, acreditam que o uso prolongado de anticoncepcional cause infertilidade. Embora sem respaldo científico, mas com crenças culturais ou promovidas por notícias de internet, acabam interrompendo o uso de anticoncepcional. Como muitas não

engravidam imediatamente, interpretam essa demora como um sinal de infertilidade, ignorando diversos fatores que podem levar a uma fertilidade natural.

Além disso, é necessário distinguir a completa infertilidade do atraso em seu retorno após a interrupção diante de um uso prolongado, que também pode envolver fatores associados, como idade, tabagismo, consumo de álcool e paridade (DAMTIE et al., 2023). Dessa maneira, percebe-se a importância da temática e o fato de que é necessário buscar uma literatura científica robusta que esclareça o assunto.

Logo, o questionamento que guiará o presente estudo é: o uso prolongado de anticoncepcionais por pessoas do sexo feminino pode ocasionar infertilidade, quando comparado a mulheres que não utilizam tal método contraceptivo?

Nesse contexto, objetiva-se analisar a existência de associação entre o uso prolongado de anticoncepcionais e a infertilidade feminina, bem como avaliar o tempo de retorno da fertilidade após a interrupção desses métodos. Apenas a partir disso, será possível promover o uso consciente e seguro dos métodos contraceptivos, de forma a reduzir medos infundados relacionados à infertilidade e proporcionar mais segurança às mulheres.

2 METODOLOGIA

O atual estudo consiste em uma revisão narrativa de literatura. Para isso, foi realizada busca ativa tendo como fonte a base de dados da plataforma PubMed. Assim, tendo como alvo principal artigos dos últimos cinco anos, utilizou-se as estratégias de busca com os seguintes termos: “contraceptive AND infertility [Title/abstract]”. Foram aplicados os filtros: últimos 5 anos, apenas artigos de revisão (todas as modalidades de revisão do PubMed foram selecionadas). Encontrados 139 artigos.

Como critérios de inclusão, foram considerados artigos com acesso gratuito na íntegra e pertinência direta com a temática proposta. Foram excluídos estudos duplicados, fora do escopo do tema e aqueles sem acesso completo ao texto. Adicionalmente, incluíram-se publicações fora do recorte temporal estabelecido dos últimos 5 anos quando apresentavam relevância histórica ou dados fundamentais, mantendo-se as mesmas estratégias de busca, exceto o filtro temporal.

A amostra final foi composta pelos artigos selecionados após triagem e aplicação dos critérios de elegibilidade. A análise consistiu em leitura crítica dos estudos, extração dos principais resultados e síntese narrativa dos achados, permitindo a comparação entre diferentes evidências disponíveis na literatura.

3 RESULTADOS

Embora exista certa escassez de estudos a respeito da associação entre anticoncepcionais e infertilidade, os artigos encontrados e analisados permitiram uma revisão de literatura consistente sobre a temática.

Girum e Wasie (2018), em uma revisão sistemática e meta-análise que incluiu 14.884 mulheres provenientes de 22 estudos observacionais, identificaram uma taxa média de gravidez de 83,1% nos primeiros 12 meses após a interrupção do contraceptivo, não sendo observada diferença significativa entre métodos hormonais e dispositivos intrauterinos como o DIU. Além disso, o estudo também relatou que a duração do uso e o tipo de progestágeno não influenciaram o retorno à fertilidade após a interrupção farmacológica.

Analogamente, Mansour et al. (2011), em um estudo multicêntrico de coorte, 2600 participantes relataram retorno da fertilidade após interrupção contraceptiva, sendo: 79% e 96% para mulheres que usufruem de anticoncepcionais orais; 71% a 91% para DIU; 77% a 86% para implantes; e 73% a 83% contraceptiva, foram observadas taxas de gestação para métodos injetáveis, reforçando que o uso prolongado de anticoncepcionais não reduz a capacidade reprodutiva.

Em contraposição, um estudo longitudinal mais antigo com 565 mulheres apontou aumento no intervalo de tempo entre a suspensão do método e a concepção bem-sucedida entre aquelas que utilizaram anticoncepcionais por 2 anos ou mais (CIARI JR.; SANTOS; CASTILHO, 1972). Entretanto, tal efeito foi transitório, sem evidências de infertilidade definitiva. Ressalta-se que o estudo utilizou formulações hormonais antigas, com doses mais elevadas que as atualmente prescritas, o que limita a extrapolação dos resultados.

Outro estudo, complementou que o retorno à fertilidade pode ser influenciado por diversas variáveis, como idade materna, saúde reprodutiva prévia e tipo de método reprodutivo, mas não pelo tempo de uso prolongado do contraceptivo (CORDOVA-GOMEZ et al., 2023). Em contrapartida, em uma revisão metodológica, colocaram em evidência que as distinções entre os desenhos dos estudos e os critérios de definição de infertilidade impactam de forma significativa as estimativas de prevalência, o que pode explicar a heterogeneidade dos resultados encontrados na literatura (COX et al., 2022).

De forma geral, os resultados do presente estudo de revisão revelou que o uso prolongado de contraceptivos não é um fator de causa direta para a infertilidade permanente em mulheres, apesar da possibilidade de leve atraso temporário na concepção após a suspensão do método.

4 DISCUSSÃO

A Esta revisão apresenta evidências significativas acerca do uso prolongado de anticoncepcionais, apresentando uma gama de argumentos a favor de que seu uso em longos períodos não compromete a fertilidade feminina de maneira permanente. Extraiu-se que mais de 80% das mulheres são capazes de engravidar em um período de tempo de até um ano depois da interrupção do uso dos métodos contraceptivos, sendo eles de tipo oral, injetável, intrauterinos ou implantáveis (GIRUM; WASIE, 2018). Esse achado reforça o caráter reversível da supressão ovulatória induzida pelos anticoncepcionais, uma vez que os

mecanismos hormonais reguladores da função ovariana tendem a se reorganizar progressivamente após a suspensão do método.

A partir disso, é importante destacar que enquanto métodos contraceptivos hormonais, como pílulas e injetáveis, atuam principalmente por meio da supressão da ovulação, o dispositivo intrauterino (DIU) de cobre (não hormonal) exerce seu efeito predominantemente local, alterando o ambiente uterino e dificultando a implantação do embrião. Além disso, o DIU apresenta menor dependência do uso correto pela usuária, o que contribui para uma eficácia contraceptiva superior em uso típico quando comparado aos métodos hormonais orais (HEINEMANN et al, 2015). Porém, não comprometem a fertilidade a longo prazo, já que a maioria das mulheres recupera a capacidade reprodutiva logo após a suspensão do método.

Desta forma, podemos observar que a crença de que o uso prolongado dos anticoncepcionais leva à infertilidade definitiva é infundada. É importante pontuar que pode ocorrer um atraso no retorno da fertilidade, sobretudo em usuárias de métodos hormonais de longa duração (CIARI JR.; SANTOS; CASTILHO, 1972).

Além disso, apesar da concordância sobre o uso do anticoncepcional entre diferentes estudos, é importante considerar que a variabilidade metodológica pode influenciar os resultados apresentados. Diferenças nos critérios para estimar a infertilidade, bem como no tipo de contraceptivo utilizado, podem gerar discrepâncias nos achados (COX et al., 2022).

Ademais, fatores individuais, como idade, paridade, hábitos de vida (tabagismo, consumo de álcool) e condições de saúde, exercem papel mais relevante sobre o tempo necessário para engravidar do que o histórico de uso de contraceptivos. Soma-se a isso, aspectos como frequência das relações sexuais, fertilidade do parceiro e exposição a poluentes e desreguladores endócrinos, os quais também interferem nesse processo. Assim, o atraso observado em alguns casos não deve ser atribuído exclusivamente ao uso prolongado dos métodos contraceptivos, mas compreendido em um contexto multifatorial, ao levar em consideração a interação de fatores biológicos e comportamentais (CORDOVA-GOMEZ et al., 2023).

Somado a isso, é fundamental ser considerado o aspecto histórico, o qual se refere à evolução das formulações contraceptivas ao longo do tempo. Desse modo, vale ressaltar que mulheres que utilizaram anticoncepcionais orais por períodos superiores a dois anos apresentaram aumento significativo no tempo entre a suspensão do método e a concepção, sugerindo interferência temporária no sistema reprodutivo devido ao uso prolongado desses hormônios (CIARI JR.; SANTOS; CASTILHO, 1972). Contudo, esse efeito deve ser interpretado à luz das formulações da época, que continham doses hormonais substancialmente mais elevadas do que as disponíveis atualmente.

Corroborando essa perspectiva, estudos mais recentes indicam que o atraso para engravidar é mais pronunciado entre usuárias de pílulas com doses elevadas de estrogênio (≥ 50 μg), enquanto formulações de baixa dosagem apresentam impacto reduzido sobre a fertilidade após a interrupção do uso. Dessa forma, observa-se que a evolução das formulações dos

anticoncepcionais orais ao longo do tempo, com a redução das doses hormonais, contribuíram significativamente para minimizar os efeitos adversos sobre o retorno à fertilidade, evidenciando a importância dos avanços farmacológicos nesse contexto (BRACKEN; HELLENBRAND, 1990).

Ademais, fazendo uma análise com o âmbito social e psicológico em foco, os resultados demonstram que o medo da infertilidade associado ao uso de anticoncepcionais é ressaltado frequentemente por desinformação nas redes sociais, podendo gerar ansiedade, insegurança e culpa entre as mulheres, o que impacta negativamente tanto suas decisões reprodutivas quanto sua saúde mental (COX et al., 2022). Essas crenças podem levar à interrupção precoce do método contraceptivo, o que aumenta a chance de gestações não planejadas e até a desconfiança nos serviços de saúde (CORDOVA-GOMEZ et al., 2023). Além destes fatos, a infertilidade é historicamente associada a muitos estigmas sociais e a uma perda de status dentro de contextos específicos socioculturais, o que reforça a pressão psicológica sobre a mulher e a desigualdade de gênero (GREIL; SLAUSON-BLEVINS; MCQUILLAN, 2011). Por isso, compreender a diferença entre a infertilidade real para um atraso fisiológico é essencial, não apenas do ponto de vista clínico mas também para reduzir o sofrimento emocional e os impactos sociais relacionados à desinformação (COUSINEAU; DOMAR, 2007).

Acerca das limitações deste estudo, podemos destacar a natureza metodológica dos artigos incluídos. Muitos dos trabalhos que foram analisados apresentam amostras de perfis e tamanhos distintos, com diferentes critérios de avaliação e tempos de acompanhamento que analisam o retorno da fertilidade (COX et al., 2022). Essas diferenças metodológicas podem gerar variações nas taxas de concepção e dificultar as comparações entre os estudos. Outro ponto relevante a ser ressaltado é que em estudos mais antigos, foram utilizadas formulações hormonais com doses superiores às atuais, podendo promover diferenças nas taxas observadas nos resultados comparando com os contraceptivos modernos (CIARI JR.; SANTOS; CASTILHO, 1972). Além de que fatores externos como idade, peso corporal, condições de saúde prévias, tabagismo ou consumo de álcool não foram controlados nos estudos, o que limita a precisão das conclusões apresentadas (DAMTIE et al., 2023).

No que diz respeito às perspectivas futuras, existe a necessidade de novos estudos que explorem biomarcadores capazes de prever o retorno da fertilidade após o uso prolongado de contraceptivos (CORDOVA-GOMEZ et al., 2023). Pesquisas longitudinais com metodologias padronizadas, controle rigoroso de variáveis externas e acompanhamento de longo prazo podem expor de forma mais clara os mecanismos fisiológicos envolvidos e reduzir as incertezas ainda presentes, quebrando assim muitos estigmas. Além disso, investigações que integrem aspectos sociais e psicológicos, analisando como as crenças e percepções sobre a fertilidade influenciam a adesão aos métodos contraceptivos, podem contribuir para a formação de políticas públicas mais eficazes em educação sexual e saúde reprodutiva. Por fim, campanhas educativas baseadas em evidências científicas podem desempenhar um papel fundamental na desconstrução de mitos e no empoderamento feminino diante de suas escolhas reprodutivas.

5 CONCLUSÃO

A partir da análise dos estudos revisados, não se identifica evidências científicas consistentes que sustentem uma relação causal direta entre o uso prolongado de anticoncepcionais e a infertilidade permanente em mulheres. Os resultados demonstram que, embora possa haver um discreto atraso no retorno da fertilidade após a suspensão do método contraceptivo, tal efeito é temporário e não implica comprometimento reprodutivo definitivo.

Verificou-se que fatores como idade, estilo de vida, hábitos nocivos e condições clínicas associadas exercem maior influência sobre a capacidade de concepção do que o tempo de uso de anticoncepcionais. Ademais, observou-se que mais de 80% das mulheres retomam a fertilidade no período de até um ano após a interrupção do método, independentemente da via de administração ou da formulação hormonal utilizada.

Quando comparados aos métodos hormonais, os dispositivos intrauterinos (DIU), tanto hormonais quanto de cobre, apresentam um retorno da fertilidade ainda mais rápido após a remoção, uma vez que não interferem de forma sistêmica nos eixos hormonais. No entanto, a escolha entre métodos deve considerar fatores individuais, preferências pessoais e possíveis contraindicações, sempre com orientação profissional.

Dessa forma, conclui-se que o uso prolongado de anticoncepcionais é seguro sob o ponto de vista reprodutivo, não devendo ser associado a quadros de infertilidade definitiva. Ressalta-se, contudo, a necessidade de ampliar o acesso a informações baseadas em evidências científicas, a fim de desmistificar crenças infundadas e promover uma maior segurança e autonomia das mulheres no planejamento reprodutivo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRACKEN, M. B.; HELLENBRAND, K. G. Conception delay after oral contraceptive use: the effect of estrogen dose. **Fertility and Sterility**, v. 53, n. 1, p. 21–27, 1990. DOI: 10.1016/S0015-0282(16)53241-2.
- CIARI JR., C.; SANTOS, J. L. F.; CASTILHO, E. A. Relação do tempo de uso de anticoncepcionais hormonais orais e tempo para conceber. **Revista de Saúde Pública**, v. 6, n. 3, p. 273–281, 1972. DOI: 10.1590/S0034-89101972000300006.
- CORDOVA-GOMEZ, A.; WONG, A. P.; SIMS, L. B.; DONCEL, G. F.; DORFLINGER, L. J. Potential biomarkers to predict return to fertility after discontinuation of female contraceptives—looking to the future. **Frontiers in Reproductive Health**, v. 5, p. 1210083, 2023. DOI: 10.3389/frph.2023.1210083.
- COUSINEAU, T. M.; DOMAR, A. D. Psychological impact of infertility. **Best Practice & Research Clinical Obstetrics & Gynaecology**, v. 21, n. 2, p. 293–306, 2007.
- COX, C. M.; THOMA, M. E.; TCHANGALOVA, N.; MBURU, G.; BORNSTEIN, M. J.; JOHNSON, C. L. et al. Infertility prevalence and the methods of estimation from 1990 to 2021: a systematic review and meta-analysis. **Human Reproduction Open**, v. 2022, n. 4, p. hoac051, 2022. DOI: 10.1093/hropen/hoac051.
- DAMTIE, Y.; TADESSE, M.; TESHOME, F.; TSEGAYE, B.; TADESSE, T.; TADESSE, E. et al. Fertility return after hormonal contraceptive discontinuation and associated factors among women attended Family Guidance Association of Ethiopia Dessie model clinic, Northeast Ethiopia: a cross-sectional study. **PLoS One**, v. 18, n. 7, p. e0287440, 2023. DOI: 10.1371/journal.pone.0287440.

GIRUM, T.; WASIE, A. Return of fertility after discontinuation of contraception: a systematic review and meta-analysis. **Contraception and Reproductive Medicine**, v. 3, p. 9, 2018. DOI: 10.1186/s40834-018-0064-y.

GREIL, A. L.; SLAUSON-BLEVINS, K.; MCQUILLAN, J. The experience of infertility: a review of recent literature. **Sociology of Health & Illness**, v. 33, n. 1, p. 140–162, 2011.

HEINEMANN, K.; REED, S.; MOEHNER, S.; MINH, T. D. Comparative contraceptive effectiveness of levonorgestrel-releasing and copper intrauterine devices: the European Active Surveillance Study for Intrauterine Devices. **Contraception**, v. 91, n. 4, p. 280–283, 2015. DOI: 10.1016/j.contraception.2015.01.011.

MANSOUR, D.; INKI, P.; GEMZELL-DANIELSSON, K.; ROWE, P.; FRASER, I. S. Fertility after discontinuation of contraception. **Contraception**, v. 84, n. 1, p. S1–S10, 2011. DOI: 10.1016/j.contraception.2011.03.010.